



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## O que os artistas têm a ver com isso?

O Rio Grande do Sul, depois dos últimos acontecimentos, está enfrentando novos desafios nos setores de espetáculos e divertimento, com resultados os piores possíveis. Há poucos dias, assistimos a uma queda de braço entre o Ministério da Fazenda e o Congresso Nacional a respeito do Perse, um fundo de incentivo para o setor. Este incentivo havia sido criado para o enfrentamento da crise provocada pela Covid-19. A alegação do Executivo é que a crise já passara. Acabou prevalecendo o entendimento do Legislativo e o Perse foi estendido, embora com algum regramento mais rígido, o que não foi de todo ruim.

O setor não havia ainda respirado aliviado e no Rio Grande do Sul começou o episódio das chuvas, que ainda não se esgotou. Resultado: todos os teatros cancelaram programações, artistas e grupos e produtores cancelaram espetáculos, o setor todo está paralisado, morto, uma vez mais. Evidentemente, para além da impossibilidade prática de deslocamentos, os teatros, em boa parte, encontram-se debaixo d'água e, quando as águas se retirarem, necessitarão de uma recuperação absoluta. Quantos meses até retomarmos as condições ideais de jogo no Rio Grande do Sul?

No caso dos teatros, imagine-se o Centro Municipal de Cultura? E a Casa de Cultura Mário Quintana? E os museus? O Theatro São Pedro, no alto da colina em que nasceu a cidade, o prédio em si está a salvo, até agora: felizmente, nos meses de férias de verão, ocorreram obras de recuperação de toda a estrutura de telhado da construção, a cargo da Associação de Amigos. Mas com o desligamento da energia elétrica, por alegadas questões de segurança, pela CEEE Equatorial, as bombas de sucção de água foram silenciadas. E o terceiro subsolo do Multipalco está absolutamente invadido pelas mesmas águas que ocuparam todo o nosso Centro Histórico, cercaram o Mercado Público, isolaram a Praça da Alfandega, e assim por diante.

Imaginemos que, num passe de mágica, tudo ficasse seco e restaurado. Qual é o clima para que haja público para um espetáculo, com cerca de 300 mil pessoas desabrigadas e mais de duas centenas de pessoas mortas, sobretudo, o que chamo

de mortos silenciosos, idosos, crianças e animais domésticos, aqueles que são nossos companheiros cotidianos, como cachorros e gatos, antes de tudo, mas cavalos, galinhas, coelhos, porcos... O universo sul-riogandense sabe bem do que estou a falar. No episódio da Covid, a retomada se deu gradativamente. Foram muitos meses até voltarmos a ter espetáculos de teatro, shows musicais, concertos. Não que não se queira ou não se precise, pelo contrário, precisamos muito - lembrem que, numa guerra, uma das questões estratégicas é garantir alguns divertimentos para os soldados, e daí a visita de artistas de referência a tais agrupamentos.

O governador Leite traduziu com perfeição o momento: necessitamos de um Plano Marshall. Mas escrevo esta coluna na quarta-feira, e não sabemos bem o que é o anúncio aterrorizante, para esta madrugada em diante, de novas chuvas, queda de temperaturas, granizo. Quando isso vai acabar e vamos começar a pior e nova etapa, que é a recuperação? Como organizar um Plano Marshall neste momento?

Os artistas, de novo, estão recolhidos à sua solidão e desamparo. E o público, de certo modo, também abandonado. Nos últimos dias, na cidade de Porto Alegre, foram cancelados o Festival de Teatro Infantil, o Palco Giratório, e corremos o risco de termos as programações de junho também prejudicadas. Por enquanto, praticamente todos os teatros cancelaram suas programações do mês de maio por inteiro.

O Rio Grande do Sul tem como padroeiro São Pedro, segundo as tradições culturais populares. O que fez o apadrinhado de tão terrível para ser assim amaldiçoado? O desrespeito ao meio ambiente? As legislações que desrespeitam o bioma pampa? As perspectivas de construirmos represas em áreas de nascentes de rios? A perda de vegetação, sempre crescente? Não sei responder e, claro, isso é uma metáfora. Mas não é metafórico o fato objetivo de que desmatamento, desrespeito a nascentes e intervenção indevida sobre proteções naturais fazem com que percamos as defesas para eventos climáticos. Aqui fizemos, aqui estamos pagando. Mas o que os artistas têm a ver com isso???



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Esquecidos

Numa época em que são muitas as possibilidades de serem vistos ou revistos clássicos do cinema - a maioria em telas pequenas e que, por vezes, não fazem justiça a obras que o tempo não destruiu - muitos títulos que, no seu tempo, foram saudados por espectadores e críticos como trabalhos de muitos méritos têm sido vítimas do esquecimento. Cada cinéfilo tem sua lista, e muitas delas são integradas por trabalhos assinados por diretores que, infelizmente, não desfrutam hoje da fama alcançada por aqueles que certamente nunca serão desalojados do grupo considerado o mais importante. Clarence Brown (1890-1897) é um deles. Famoso por ser o diretor de vários filmes interpretados por Greta Garbo, Brown foi um realizador plenamente adaptado ao estilo Metro, empresa produtora a qual foi ligado durante a vida. Diz a lenda que ele um dia, argumentando que sempre seguiu a linha da empresa, disse que gostaria de realizar um filme pessoal. A Metro, que seguidamente também produzia filmes que contrariavam padrões estabelecidos, concordou e o resultado foi *O mundo não perdoa* (*Intruder in the Dust*), realizado em 1949, obra que é geralmente considerada como a melhor já realizada tendo por base uma obra de William Faulkner. Aqui em Porto Alegre, em 1953, a Metro exibiu o filme nos cinemas onde mostrava sua produção (Avenida e Colombo) somente em três dias, mas não o deixou inédito, possibilitando aos mais atentos o conhecimento de uma obra que foi muito elogiada, entre outros, por Georges Sadoul, que, por sua formação ideológica, não era muito entusiasta de filmes americanos. Aquele crítico e historiador francês cita várias sequências admiráveis e ressalta a maneira como o diretor e seu roteirista, B. Maddow, abordaram o racismo.

Outro filme admirável e hoje pouco lembrado é o sueco *No caminho do céu* (*Himlaspelet*), dirigido em 1943 por Alf Sjöberg (1903-1980). O filme só foi exibido uma vez em Porto Alegre, numa sessão especial do Clube de Cinema, realizada no dia 30 de dezembro de 1963. O curador da Cinemateca Brasileira, crítico e historiador Paulo Emilio Sales Gomes, colocou este filme na lista

daqueles que nunca esquecerá, ao lado de outras obras-primas que tinha visto durante a vida. Trata-se da fantasia em torno de um homem que, vendo sua amada sendo injustamente queimada como bruxa, inicia uma jornada que termina diante do Juiz Supremo, a fim de que um erro seja corrigido. Eis um filme que certamente atravessou o tempo. Em seu dicionário, Jean Mitry destaca o filme e assinala que Syoberg não foi apenas um predecessor de Ingmar Bergman, pois foi também seu mestre. O filme é um daqueles que permanece na memória pela forma inventiva como narra sua história e pela grandeza de suas imagens. E por alguns momentos realmente surpreendentes e tocados de humor, como a reverência feita pelo Maligno diante do poder maior. Como o filme circulava duas décadas depois de realizado e por ter sido realizado num país onde o patrimônio cultural é cultuado e preservado, sua desapareição das salas especiais e de outros meios de exibição é um fato lamentável.

Em 1962, quando filmes populares transcorridos no passado produzidos por estúdios italianos eram execrados por muitos críticos, nomes como Riccardo Freda e Vittorio Cottafavi eram destacados por críticos franceses. Porém, de certa maneira, houve harmonia entre as opiniões, quando Duccio Tessari (1926-1994) realizou *Os filhos do trovão* (*Arrivano i titani*) em 1962. O filme foi lançado aqui em março de 1964 pelo Clube de Cinema, em 22 de maio de 1965. O filme desenrolado numa Creta mitológica começava com uma brilhante partitura de Carlo Rustichelli, o que já o diferenciava de trabalhos semelhantes. O filme se relacionava com o tema luta pela liberdade, o que, naquele ano, não deixou indiferente até mesmo críticos preconceituosos com o gênero. Havia momentos notáveis como a utilização do hino dos fuzileiros navais norte-americanos quando o exército do rei ditador desembarcava numa praia. E, para o pessoal de teatro, uma informação valiosa: a assistente de direção foi Ariane Mnouchkine, que depois, em 1964, fundaria na França o Théâtre du Soleil.